

# História do Coletivo Combahee River\*

Jules Falquet\*\*

## **Resumo:**

Inscrito na continuidade das lutas ininterruptas das mulheres negras desde o período da escravidão, o Black Feminism ou o Feminismo Negro, emergiu publicamente nos Estados Unidos no final dos anos 1960. Durante muito tempo desconhecido – com poucos textos traduzidos – hoje há um interesse cada vez maior por este movimento. De fato, suas ações e sua reflexão pioneiras sobre a imbricação das relações sociais (de sexo, de raça e de classe) são particularmente estimulantes para pensarmos em conjunto sobre o racismo e o sexismo (sem negligenciar a classe), o que é uma das urgências das lutas atuais.

**Palavras-chave:** Coletivo Combahee River; feminismo negro; movimento feminista; racismo.

## History of the Combahee River Collective

### **Abstract:**

Inscribed within the continuing struggles of black women since the slave era, black feminism emerged publicly in the United States at the end of the 1960s. Unknown for many years, with few translated studies of it, today there is a growing interest in this movement. In fact, its pioneering actions and reflections on the imbrication of social relations (of sex, "race" and class) are particularly stimulating for thinking about racism and sexism (without neglecting class), which is a pressing issue in contemporary struggles.

**Keywords:** Combahee River Collective; black feminism; feminist movement; racism.

### Superar os obstáculos à organização

Para traçar a história do Coletivo Combahee River, entre 1974 e 1980, nos basearemos fundamentalmente no apaixonante trabalho de história oral de Du-chess Harris (1999), que entrevistou seis militantes-chave do Coletivo: Barbara Smith, Sharon Page Ritchie, Cheryl Clarke, Margo Okizawa Rey, Gloria Akasha Hull e Demita Frazier<sup>1</sup>. Também recorreremos à preciosa obra de Kimberly

---

\* Traduzido por Jair Pinheiro; revisado pela autora. O artigo, adaptado exclusivamente para a revista *Lutas Sociais*, é parte do texto "Le Combahee River Collective, pionnier du féminisme Noir: contextualisation d'une pensée radicale", publicado em francês no *Cahiers du Cedref*, Paris, n. 14, 2006.

\*\* Doutora em Sociologia. Professora da Universidade Paris-Diderot; pesquisadora do Centre d'Enseignement, de Documentation et de Recherches pour les Études Féministes (CEDREF), Paris, França. End. eletrônico: jules.falquet@univ-paris-diderot.fr

<sup>1</sup> As entrevistas foram realizadas em 1994 e 1995. Harris também recorreu a cartas e notas pessoais da época das entrevistas.

Springer (2005)<sup>2</sup>, que apresenta uma história analítica de cinco grupos feministas negros pioneiros, dentre os quais o Coletivo Combahee River.

Boston, na época da fundação do Coletivo Combahee River, era uma cidade extremamente racista – a maior parte dos Negros e Negras jamais se aventurava em ir à maioria dos bairros brancos, por medo de agressão, como frequentemente ocorria. Entretanto, o clima político era estimulante: “tinha-se o sentimento de que se podia falar de tudo, problematiza absolutamente qualquer questão”, afirma Frazier, uma das entrevistadas (Harris, 1999, p. 8). No plano feminista, Boston possuía desde 1971 um centro de mulheres muito ativo dirigido pelo coletivo feminista socialista *Bread and Roses* (Breines, 2006).

Barbara Smith teve um papel-chave na criação do Coletivo: chegando do primeiro encontro da *National Black Feminist Organization* (NBFO) em Nova York, em 1973, ela se propôs a organizar uma seção em Boston. Seu encontro algumas semanas depois com Demita Frazier foi decisivo: foi no salão desta última que elas simplesmente convidaram por telefone algumas mulheres, no início de 1974, com a ideia de constituir uma seção da NBFO, trocar ideias, leituras, se encontrarem... e ver o que podia acontecer na sequência.

O nome do grupo, *Combahee River*, aparentemente proposto por Barbara Smith, reflete a vontade de dar destaque não a uma pessoa, ainda que fosse Harriet Tubman, mas a um verdadeiro acontecimento histórico<sup>3</sup> que fizesse sentido para as mulheres afro-estadunidenses. Este nome tem também a vocação de servir de ferramenta pedagógica, pois permite lembrar a história das lutas das mulheres negras nos EUA e reivindicar seu legado. Entretanto, sem estratégia organizacional nem objetivo pré-determinado, frente à ampla tarefa a se engajar (lutar contra todas as opressões simultaneamente), por um longo período o Combahee River hesitou em definir seu projeto político. A maior parte das componentes do coletivo se ocupava com inúmeras outras atividades políticas, além da necessidade de sobrevivência material cotidiana. Apenas no fim do ano começou uma primeira e intensa atividade de “tomada de consciência” (*consciousness raising*), mas as participantes ainda não atuavam como grupo. No verão de 1975, elas não passavam de umas poucas e proclamaram ações mais concretas, como a possibilidade de abrir um refúgio para mulheres que sofriam violência

---

<sup>2</sup> O Third World Women's Alliance (TWWA), que existiu de 1968 a 1979; o National Black Feminist Organization (NBFO), de 1973 a 1975; o Coletivo Combahee River (CCR), que durou de 1975 a 1980; o National Alliance of Black Feminists (NABF), de 1976 a 1980; e o Black Women Organized for Action (BWOA), que existiu de 1973 a 1980. O trabalho foi precedido por suas pesquisas sobre a atualidade do feminismo negro nos EUA (Springer, 1999).

<sup>3</sup> A liberação de mais de 750 escravos na Carolina do Sul em 1863, quando da primeira operação militar dos Estados Unidos dirigida por uma mulher, Harriet Tubman.

em um bairro negro. Simultaneamente, julgando pouco convincentes as posições da NBFO, que passava por uma crise de crescimento (Springer, 2005), decidem por sua independência organizacional (Harris, 1999). Neste período, se aproximaram das feministas socialistas e se convenceram da necessidade de elaborar uma análise materialista, econômica, de classe, da situação das mulheres negras. No outono, houve um novo período de indefinições ligadas principalmente a que tipo de orientação dar ao grupo. Para além do apoio mútuo e da tomada de consciência, algumas tinham pressa em fazer um trabalho mais diretamente político. Após a renovação de uma parte dos membros, o Combahee considerava tornar-se um grupo de estudo e lançar uma publicação feminista negra. Lançaram um Manifesto em abril de 1977<sup>4</sup>. Mas foi com os “retiros de feministas negras” que começaram naquele verão que o Combahee logrou se dotar de um mecanismo de organização e de discussão original, que deu uma nova dimensão ao seu trabalho.

Com efeito, esses “retiros”, que se realizavam alternadamente em diferentes cidades, em casas amigas, eram pensados para serem momentos vitais de renovação espiritual e de reencontro para as militantes isoladas pelo país, durante os quais cada uma levava os artigos de que gostava ou tinha escrito, música e comida abundante. Mas eram também ocasiões de intensas reflexões políticas, rigorosamente organizadas.

No primeiro “retiro”, ocorrido de 8 a 10 de julho de 1977, elas procuraram avaliar a situação do movimento feminista negro. Entre vinte e trinta mulheres, dentre as quais Audre Lorde, debateram primeiramente “o que foi feito, o que se passa hoje, o que queremos para o futuro”. No dia seguinte, com base no Manifesto, as discussões se pautaram pela necessidade de uma análise econômica feminista, pela questão da violência e do separatismo lésbico<sup>5</sup>. As participantes também debateram sobre organização: existe um movimento feminista negro? Como desenvolver capacidades organizacionais e criar instituições? Pode-se considerar a publicação como um instrumento de organização? Como trabalhar as alianças entre mulheres negras e brancas? Ocorreram outras discussões, sobre esterilização forçada, a saúde da mulher negra e a violência doméstica. O último dia foi consagrado ao problema do isolamento e às tentativas de remediá-lo (Harris, 1999).

O segundo “retiro”, realizado nos dias 4 e 5 de novembro de 1977, deu continuidade aos debates do primeiro, enfrentando vários problemas particularmente difíceis:

---

<sup>4</sup> Publicado neste número de *Lutas Sociais*. N.T.

<sup>5</sup> O “separatismo lésbico”, utilizado pela autora, significa se reunir e lutar entre lésbicas, não havendo qualquer conotação segregacionista.

1) a confiança entre as feministas lésbicas e as não-lésbicas, 2) o socialismo e a ideologia feminista negra, 3) o separatismo lésbico e a luta de libertação negra, 4) a organização feminista negra versus movimento feminista negro, 5) o feminismo negro e o mundo acadêmico, 6) os conflitos de classe entre mulheres negras e 7) o amor entre mulheres, lésbicas e não-lésbicas, negras e brancas (*carta escrita em 25 de agosto de 1977, por Cheryl Clarke e Cassie Alfonso*) (Harris, 1999, p. 9).

Outros dois “retiros” aconteceram em 1978<sup>6</sup> e na sequência as participantes decidiram escrever no número especial do jornal *Conditions*, editado por Lorraine Bethel e Barbara Smith (que se tornaria o *Conditions: Five*). Elas evocam também a possibilidade de contribuir para os números especiais de *Heresies* e *Frontiers*, sobre a história lésbica. Enfim, Beverly e Barbara Smith foram instadas a realizar uma antologia sobre o feminismo negro<sup>7</sup>: o grupo se consagra de maneira preponderante à produção teórica e à edição, desafiando assim “a interdição que pesava sobre a escrita para as mulheres negras” (Breines, 2006, p. 39).

Foi quando começou o terceiro período do Coletivo Combahee River, marcado por um engajamento público, concreto e arriscado, que lhes permitiu enfim pôr em prática sua reflexão, a luta contra a violência praticada contra as mulheres negras. Com efeito, em quatro meses, entre 28 de janeiro e 30 de maio de 1979, doze mulheres negras foram assassinadas em Boston<sup>8</sup>. Encontraram seus cadáveres nos bairros negros, a maioria violentada e estrangulada. A imprensa branca da cidade, conhecida por seu racismo, quase fez silêncio sobre a situação, mas o semanário negro local, o *Bay State Banner*, cobriu amplamente a reação da comunidade negra, agitada, muitas mulheres temendo diretamente por suas vidas. Em 7 de fevereiro, um encontro reuniu 700 pessoas. Em 1º de abril, após o assassinato de mais 6 mulheres, 500 pessoas enlutadas marcharam pelas ruas. Mas o(a)s oradore(a)s, quase só homens negros, se contentaram em denunciar o caráter racista dos homicídios e recomendar que as mulheres permanecessem em casa, sob a proteção dos homens.

Revoltadas com esta visão reducionista e inoperante (muitas mulheres não tendo homem sob cuja proteção se colocar, outras não querendo tê-la), Lorraine Bethel e Barbara Smith, que participaram da manifestação com várias feministas lésbicas, redigiram então um texto intitulado *Seis mulheres negras: por que foram mortas?* Nele denunciaram o duplo caráter desses crimes, ao mesmo tempo racista

---

<sup>6</sup> De 24 a 26 de março e, depois, de 21 a 23 de julho.

<sup>7</sup> Um pouco depois, duas participantes do Coletivo Combahee River dirigiram uma outra antologia do feminismo negro: *All the Women are White, all the Blacks are Men, But Some of Us Are Brave* (Hull et al., 1982).

<sup>8</sup> Além de uma mulher branca.

e sexista, e sublinharam a urgência de abordar a questão da violência contra as mulheres na comunidade negra. O documento foi distribuído amplamente sob a forma de panfleto. Assumir abertamente a frente de tal luta representava um perigo muito concreto para as participantes do Coletivo Combahee River, que temiam tornarem-se alvos de uma violência ainda maior. Entretanto, o Combahee achou necessário fazer um trabalho de conscientização para dar esperança às mulheres: seu documento incluía conselhos práticos de autodefesa, redigido em parceria com as organizações das mulheres em luta contra a violência, cuja lista foi fornecida pelo documento. Para sua grande surpresa, o Coletivo obteve um grande apoio das igrejas negras, assim como da comunidade feminista branca. Formou-se o *Collectif Crisis*, dando ao Combahee a oportunidade de pôr em prática a política de coalizão que sempre preconizara, que mobilizou algumas centenas de pessoas, sem jamais perder de vista que as *mulheres* assassinadas eram *negras*. Foi assim que na ação prática, o Combahee articulou as premissas da análise feminista negra da violência, assim como da “política sexual” negra e branca que permitia esses homicídios.

Entretanto, ao mesmo tempo, esta luta marca o fim do Combahee. Ainda ocorreram três “retiros”. O de 8 de julho de 1979, que permitiu avaliar os avanços inegáveis do feminismo negro: desde então existia uma Organização nacional de universitárias negras na História; uma outra na *Modern Language Association*; um boletim de informação de pesquisadoras *Third World Women’s Studies (Sojourner)*; um grupo de mulheres negras também se constituiu em Nova York em editoração, e as dimensões culturais e artísticas se desenvolveram. As políticas de coalizão começavam a alcançar seus frutos, com o Crisis em Boston, mas também com lésbicas e não-lésbicas negras, com trabalhadore(a)s negro(a)s dos serviços sociais em algumas cidades, assim como com uma parte das feministas brancas que começavam a se responsabilizar por seu próprio racismo. O sexto “retiro”, no outono de 1979, preparou uma resposta a ser dada a um artigo do *The Black Scholar*, intitulado *O debate sobre o sexismo negro*, que, no número anterior, atacou o livro de Michèle Wallace, *Black Macho* (1978). O Combahee decidiu igualmente apoiar Chirlaine Mac Cray, uma participante do *Collectif* que acabava de escrever o artigo *I am a Lesbian* para a revista *Essence*, temendo que a revista recebesse uma enorme correspondência lesbofóbica. Uma última reunião ocorreu de 16 a 18 de fevereiro de 1980, mas o grupo se desfez neste mesmo ano. Entre as razões para o fim do Combahee River, Harris (1999) cita principalmente as relações internas de poder, assim como as separações amorosas, mas sobretudo as transformações na vida de cada uma com a aproximação dos trinta anos e a mudança de várias mulheres para outras cidades. Entretanto, a maior parte manteve seu engajamento em outros grupos, principalmente na universidade e em editoria.

## **“Tudo o que sou, no mesmo lugar”<sup>9</sup>: aportes políticos e teóricos do Coletivo Combahee River**

É difícil fazer uma sociologia das participantes do Combahee, que iam e vinham e cujo número variava significativamente, devido à sua dispersão geográfica, muitas participaram apenas em certos momentos da vida do grupo, principalmente durante os “retiros”. Em termos de classes, as origens parecem diversas, algumas vinham da classe média baixa e média, outras de bairros pobres urbanos<sup>10</sup>, outras ainda do Sul rural<sup>11</sup>. A maioria, no entanto, estava numa mobilidade social ascendente da primeira geração pós-segregação, que teve um melhor acesso à educação. O grupo conta com várias estudantes, apaixonadas pela leitura, pela escrita e pela cultura negra<sup>12</sup>. Estas se locomoviam muito, mudavam de residência com frequência, algumas ainda muito jovens<sup>13</sup>, mas já possuíam uma sólida experiência política, em particular no movimento pelos direitos civis. Enfim, aliás, como uma parte das fundadoras do NBFO, uma grande parte das participantes do Combahee eram lésbicas (Harris, 1999).

O fato de o Combahee ter escolhido tornar visível esta composição lésbica foi importante e deve ser sublinhado. Não se trata somente de coragem política, mas de fato da vontade das militantes do Coletivo de serem, enfim, “tudo o que elas são” num mesmo grupo: “Éramos [majoritariamente] lésbicas. Não íamos ser reprimidas ou oprimidas num grupo que nós mesmas organizássemos” (Smith, citada por Harris, 1999, p. 12). Contrariamente a muitas ideias preconcebidas, Barbara Smith sublinha, aliás, que isto trouxe poucos problemas nas diferentes comunidades negras com as quais elas trabalharam:

Não me lembro que fôssemos a qualquer lugar e recebidas por “lá estão as sapatonas (bulldagger)” ou “aí ainda essas lésbicas” (...). É preciso dizer que estávamos envolvidas com pessoas e organizações progressistas. (...). Gozávamos também de certo respeito enquanto militantes políticas. Penso que isso conta

---

<sup>9</sup> Para fazer eco ao título do artigo de Duchess Harris sobre o *Coletivo Combahee River* (1999), que retoma as palavras de uma das suas entrevistadas.

<sup>10</sup> Demita Frazier, por exemplo, vem dos bairros populares de Chicago.

<sup>11</sup> Gloria Hull, nascida em Louisiane, sua mãe era cozinheira em casa de família, seu pai, carpinteiro. Sobre sua infância, dizia que “os dias que comprávamos a comida eram o ponto alto da semana. A comida era essencial.” (Harris, 1999, p. 7)

<sup>12</sup> Cheryl Clarke, nascida em 1947 em Washington em uma família de classe média baixa que a encaminhou aos estudos. Foi na universidade de Harvard (Washington) que Toni Morrison a encorajou a escrever poesia. Gloria Hull primeiro pensa tornar-se jornalista, depois faz uma tese em literatura e, primeiro, encontra Alice Walker, em seguida Barbara Smith, em 1974, na *Modern Language Association*.

<sup>13</sup> O caso de Sharon Page Richie, nascida em Chicago em uma família de professo(a)re(s) e trabalhadore(a)s sociais, chega ao Combahee via Margaret Sloan-Hunter, do NBFO, conhecida na universidade de Chicago. Antes dos vinte anos, ela encontra Demita Frazier em uma reunião pela liberação lésbica de Chicago, em seguida, muda-se com ela e Linda Powell para a Costa Leste.

quando se trabalha com gente de cor, pois nos concentrávamos realmente em questões de vida e morte, questões de sobrevivência cotidiana (Smith, citada por Harris, 1999, p. 13)<sup>14</sup>

Esta afirmação do lesbianismo, no entanto, não pode ser confundida com uma reivindicação *identitária*, nem como lésbicas nem como Negras. Vários mal-entendidos se desenvolveram a este respeito. Com efeito, do ponto de vista teórico, o Combahee River fez o que ninguém antes havia feito:

Introduzimos, propusemos a expressão “política de identidade” (identity politics) [...]. Não me lembro de tê-la visto em nenhuma outra parte. Mas o que queríamos dizer com isto, era uma política que nascera de nossa experiência material objetiva como mulheres negras. [...] Era uma política que levava tudo em conta, no lugar de dizer “deixe fora seu feminismo, seu gênero, sua orientação sexual”. [...] Queríamos dizer uma política que viesse de nossas diferentes identidades e que realmente funcionasse para nós. [...] Não era a versão reducionista que o(a)s teórico(a)s criticam hoje (Smith citada por Harris, 1999, p. 13)

Primeiro, porque frequentemente a identidade é um engano, um constrangimento imposto pela própria opressão, como lembra Barbara Smith num balanço analítico sem complacência, que ela fez do feminismo negro no começo dos anos de 1980, por ocasião da republicação na coletânea *Home Girls* de diferentes textos da *Conditions: Five* (Smith, 2000):

Existe um tipo de conformismo que é típico da comunidade Negra, talvez porque temos tido muito frequentemente que nos definir em oposição a nossos(as) opressores(as) [...] Transformamos crenças e hábitos que talvez caracterizem muitos de nós como efeito, em exigências, e os utilizamos para provar nosso pleno pertencimento e o dos outros à raça. Nunca esquecerei o período do nacionalismo negro, do poder e do orgulho que, malgrado as vantagens que tiramos disso, tiveram o efeito de estrangulamento sobre nossas identidades. [...] Como ficamos aliviadas ao nos dar conta, na medida em que nossa consciência se desenvolvia e que nosso próprio movimento de mulheres Negras crescia, de

---

<sup>14</sup> Um texto posterior de Cheryl Clarke afirma que as comunidades Negras populares e pobres tendem a serem bem mais solidárias às lésbicas enquanto grupo oprimido (Clarke, 2000). As dificuldades parecem vir bem mais de alguns setores de classe média e direções masculinas do movimento negro, nacionalistas, religiosos e/ou procurando “respeitabilidade”. Em seguida, Barbara Smith precisa seu pensamento evocando os “mitos” que diminuem o desenvolvimento do feminismo Negro. “Mito n. 5: Essas feministas não são nada além de lésbicas. É, talvez, um dos mitos mais perniciosos de todos e é essencial compreender que a distorção se situa na expressão “nada além de” e não na identificação enquanto lésbicas. “Nada além de” reduz as lésbicas a uma categoria de pessoas que merecem apenas os ataques mais violentos, enquanto categoria totalmente estranha às pessoas negras ‘decentes’” (Smith, 2000, p. xxxiii). Seja como for, parece que a lesbofobia e a homofobia conquistaram hoje uma parte das comunidades negras, como analisa Patricia Hill Collins (2005).

que não éramos loucas, de que na realidade nossos irmãos haviam criado uma definição enviesada para o sexo, do que era a negritude (Blackness), que servia a eles apenas (Smith, 2000, p. xliii).

Segundo, porque a política do Combahee partiu de diversas “identidades” das participantes, mas visou a fins políticos amplos, globais, não-identitários. Como explica Barbara Smith na sua introdução à *Home Girls*, detalhando os mitos que impedem o desenvolvimento do feminismo negro, o de n. 4 afirma que:

As questões das mulheres são estreitas, apolíticas. As pessoas de cor devem enfrentar “lutas mais amplas” [... Ora,] um movimento contra a opressão sexual, racial, econômica e heterossexual, oposto ao imperialismo, ao antisemitismo, à opressão que golpeia as pessoas portadoras de deficiências físicas, as pessoas idosas e a juventude; e que ao mesmo tempo questiona o militarismo e a destruição nuclear iminente, é o contrário de um movimento estreito (Smith, 2000, p. xxxii).

Smith prossegue sublinhando que o que constitui o interesse político de um movimento (que sempre possui clivagens internas) não é a identidade de seus ativistas, mas seu projeto político, que não tem necessariamente que estar ligado a uma identidade, por exemplo de “raça”:

Este mito [n.º 4] é plausível se reduzimos o movimento das mulheres a seus elementos mais burgueses e reformistas. Os setores mais progressistas do movimento feminista, que inclui algumas mulheres brancas radicais, levaram as questões acima mencionadas, além de outras, muito a sério. As mulheres do Terceiro mundo foram mais coerentes quando se tratou de definir amplamente nossa política. Por que o movimento feminista é considerado “branco” ou “estrito”, enquanto o socialismo e o marxismo, cujas origens são brancas, por todas as maneiras verificáveis, são amplamente aceitos por políticos do sexo masculino do Terceiro mundo, sem que suas referências identitárias sejam questionadas um só instante? (Smith, 2000, p. xxxii)

Barbara Smith não recusa nomear as “identidades” das participantes do Combahee, mas o que importa é a ação política, o projeto:

A maioria das feministas de cor mais engajadas e as mais vibrantes, foram e são lésbicas. Na medida em que muitas entre nós somos radicais, nossa política, como indicam os temas anteriormente mencionados, inclui todo mundo. E assim, somos tão Negras como sempre fomos (Smith, 2000, p. xxxiii).

Ela não idealiza nem condena ninguém de maneira abstrata, mas à medida dos seus atos:

Tendo trabalhado geralmente com feministas politicamente radicais, sei que realmente existem mulheres brancas com as quais vale a pena fazer alianças, ao mesmo tempo em que existem mulheres apolíticas e até mesmo reacionárias, que utilizam em vão o nome do feminismo (Smith, 2000, p. xxxv).

Portanto, longe de resvalar para uma análise em termos de identidades separadas e concorrenciais, uma das maiores contribuições teóricas e políticas do Combahee foi ter começado a pensar a simultaneidade da opressão. Esta simultaneidade não deve conduzir nem à hierarquização nem à separação das lutas. O Coletivo criticou sem rodeios o separatismo lésbico, mas Barbara Smith questionou igualmente algumas mulheres negras:

Frequentemente critiquei as armadilhas do separatismo lésbico, praticado, sobretudo, por mulheres brancas, que produz uma ideologia de distanciamento e de exclusão do “outro”, o critiquei mesmo quando este “outro” é ostensivamente seu opressor masculino branco. Mas sou ainda mais incomodada pelo separatismo racial de algumas mulheres negras. [...] No lugar de trabalhar para desafiar o sistema e transformá-lo, muitas separatistas lavam as mãos e o sistema continua seu caminho. [...] A autonomia e o separatismo são fundamentalmente diferentes. (Smith, 2000, p. xliii)

Para ser mais explícita ainda, ela afirma:

As mulheres Negras podem legitimamente escolher não trabalhar com mulheres brancas. O que não é legítimo é deixar de trabalhar com as mulheres Negras que não fizeram a mesma escolha. O pior problema do separatismo não é quem nós definimos como “inimigos e inimigas”, mas o fato de que este nos isola umas das outras. (Smith, 2000, p. xliii).

Por causa da simultaneidade das opressões, a palavra de ordem das feministas negras é “coalizão”. As coalizões devem, antes de tudo, estar ancoradas em um trabalho organizacional concreto, o mais próximo possível das pessoas: “O sucesso do feminismo Negro não consistiu somente em desenvolver a teoria, mas também em realizar o processo de organização cotidiana [...] de uma maneira abrangente e pragmática que se encarna na ideia de “organização de base” (*grassroots*). (Smith, 2000, p. xxxvii)”.

O pragmatismo apoiado pela ética e pela necessidade profundamente sentida são os melhores guias:

Dentre todas as feministas, as mulheres do Terceiro mundo, sem dúvida alguma, sentiram da maneira mais visceral a necessidade de ligar as lutas e também se mostraram capazes de forjar tais coalizões baseadas em princípios e não no oportunismo; um engajamento a organizar coalizões baseadas em nossa necessidade

real umas das outras, é a segunda contribuição mais importante da luta feminista negra (Smith, 2000, p. xxxv).

Finalmente, Smith indicou as dificuldades e as esperanças que o feminismo negro dos anos de 1970 despertou. A aposta central, para ela, foi a das diferenças, que são múltiplas, mesmo entre as feministas negras e que Audre Lorde (1984) também identificou como o maior obstáculo: “A cor, a classe, a idade, a identidade sexual, a religião, a política e o fato de que, às vezes, não estamos todas simplesmente de acordo, produzem inegáveis diferenças. A questão é saber se deixaremos essas diferenças matar nosso movimento” (Smith, 2000, p. 1).

A propósito dessas diferenças, Smith criticou a homofobia e a lesbofobia de algumas feministas negras e tomou posição muito firme sobre o antissemitismo: “Qualquer que seja a complexa e dolorosa história dos povos negros, e judeu, em particular, o antissemitismo é algo real, é uma forma de opressão real. É nossa responsabilidade compreendê-lo e a ele nos opor” (Smith, 2000, p. xlv).

Sobretudo, em face de outras mulheres “de cor”, ela se anima com a ideia de que estas possam se tornar a nova “ponta de lança” do feminismo negro, sem ocultar as dificuldades que isto coloca:

Outro desafio [...] é nossa relação com outras mulheres de cor. Para mim, um dos desenvolvimentos mais entusiasmante e de esperança dos anos de 1980 são os muitos feminismos do Terceiro mundo. [...] Mas ao mesmo tempo em que experimentamos uma conexão entre as mulheres de cor, enfrentamos também a questão das diferenças. [...] Continuo descobrindo a extensão do meu próprio preconceito. Eu me sinto terrivelmente americana quando percebo que o fato de ser Negra não me preservou da maneira tipicamente americana de perceber as pessoas que são diferentes de mim. [...] Às vezes, também já fui prejudicada pelas atitudes negativas em relação a negros(as), verificáveis, de mulheres do Terceiro mundo, pois algumas jamais se questionaram sobre os valores culturais sobre a raça. (Smith, 2000, p. xlv)

Adotando uma posição oposta a qualquer fechamento “identitário” defensivo, ela acrescenta:

Frequentemente, as mulheres negras, que adotam o separatismo racial como ideologia, dizem que se não fizessem assim, as mulheres brancas (e mesmo as mulheres de cor não-afro-americanas) roubariam “nosso” movimento. [...] Mesmo se as mulheres brancas racistas pudessem momentaneamente afrouxar nossos esforços ou nos aborrecer por sua ignorância, [...] elas não podem nos dizer o que temos que fazer, nem nos impedir de fazê-lo. [...] Entendamos que os movimentos não pertencem a pessoas e que o etnocentrismo é etnocentrismo, qualquer que seja sua face (Smith, 2000, p. xliii, sublinhado por Smith).

Esta análise foi feita por Barbara Smith no começo dos anos de 1980, período que viu profundas transformações políticas sob a presidência de Reagan. As organizações pioneiras desapareceram e as novas estruturas e análises estão em gestação: acabou-se um primeiro período do feminismo negro<sup>15</sup>. Entretanto, resultados importantes permanecem, tais como aqueles resumidos na introdução da reedição de *Home Girls*, da qual acabamos de citar longos excertos, não sem um legítimo orgulho. Os desafios são vários, mas as orientações estão claras: luta em todas as frentes ao mesmo tempo, numa perspectiva de transformação global do conjunto das relações sociais estreitamente imbricadas, organização local e de base, mas com visão internacional, criação de coalizões amplas baseadas no respeito mútuo e na ética.

Retrospectivamente, que olhar lançar sobre este primeiro pensamento radical do feminismo negro e sua análise pioneira da imbricação das relações sociais? Se o consideramos no quadro dos movimentos sociais e da realidade material da sua época, nos impressionamos pela coragem política e pessoal das militantes do Coletivo Combahee River. Num contexto de racismo extremamente violento, pessoas que certamente tinham bem poucos privilégios sobre os quais se apoiarem, tiveram força para criticar duas intimações naturalistas à solidariedade particularmente fortes, produzidas por correntes essencialistas poderosas nos dois principais movimentos sociais da época: o movimento negro e o feminista. Elas denunciaram a injunção à “sororidade” naturalista-racista de uma parte do feminismo, assim como à política sexual naturalista-nacionalista-patriarcal de uma parte do movimento negro, que colocava as mulheres negras como companheiras naturais complementares e totalmente devotadas aos homens negros. Podemos levantar a hipótese de que o fato de o Combahee ter realizado uma crítica da heterossexualidade obrigatória não é indiferente para sua análise política. Com efeito, reconhecer a existência de desejos e práticas lésbicas, mina a “naturalidade” suposta das relações amorosas com os homens, ainda que Negros – este vínculo amoroso-reprodutivo sendo uma das bases da injunção à solidariedade das mulheres em relação aos homens (Yuval Davis, 1997); mina também a naturalidade da sororidade em relação às mulheres que, graças à lesbianidade, ao contrário, poderiam ser vistas como amantes (uma das bases da injunção naturalista à solidariedade de sexo, sendo justamente esta sororidade que, evocando a consanguinidade, tem como consequência lógica impedir as relações sexuais). Ao abordar desse jeito a lógica das regras de circulação, da “troca” e da apropriação das mulheres, o Combahee River mostrou uma via de possíveis desenvolvimentos das análises de Lévi Strauss, Gayle Rubin (1975), Colette Guillaumin (1992)

---

<sup>15</sup> A análise de Springer (2005) se refere ao mesmo período, mas com mais de vinte anos de recuo.

e Nicole-Claude Mathieu (1991). No geral, as análises em termos de “política sexual”, de Kate Millet (1972) à Patricia Hill Collins (2005) poderiam constituir pistas a aprofundar.

Contudo, de modo algum o Coletivo Combahee River se afastou desses dois movimentos nem, tampouco, dos seus objetivos: a libertação negra e das mulheres. É preciso então corrigir um erro pernicioso na análise do lugar do feminismo negro em relação aos outros movimentos sociais. Com efeito, frequentemente ele é apresentado como resultante de uma dupla recusa ou rejeição: de um lado, do movimento negro que as feministas negras teriam considerado demasiado sexista (elas também o consideravam demasiado pequeno-burguês), de outro, do movimento feminista que elas teriam julgado demasiado racista (também o consideravam demasiado pequeno-burguês). Nesta versão, o feminismo negro teria se desenvolvido ao buscar uma autonomia em relação a esses dois movimentos. Mas esta interpretação tende a apresentá-lo como *exterior*, desligado tanto do movimento negro como do feminista, automarginalizado de alguma maneira; o que leva a apresentar suas contribuições como difíceis de serem “integradas”. Ora, se esta abordagem sublinha justamente as graves fragilidades tanto do feminismo como do movimento negro, oculta o papel central desempenhado nesses dois movimentos pelas feministas negras; pois longe de se fazerem ausentes, escondidas, reticentes ou indiferentes a esses dois movimentos, elas participaram deles de maneira determinante. Contribuíram vigorosamente para produzir (ao mesmo tempo no interior e fora desses movimentos, buscando interlocução com eles e criando alianças mais amplas e originais) as teorias e as práticas mais radicais e bem-sucedidas, já que propunham combater de maneira integrada o conjunto dos sistemas de opressão imbricados: de raça, de classe, de sexo e heterossexual.

Para atingir a libertação negra e a das mulheres, o Coletivo Combahee River elaborou uma proposição política própria, autônoma, distante de todo essencialismo e para todo mundo, de maneira concreta, em torno de questões da vida cotidiana, que são também questões “de vida ou de morte”. Assim, o Coletivo respondeu na prática à questão da articulação, propondo um projeto político que oferece um tipo de síntese que se poderia qualificar como “universalista”, no melhor sentido do termo, já que se trata da recusa de sacrificar alguma luta em benefício de outra.

Esta proposição política e teórica foi produzida pelas militantes do Combahee a partir de uma conjunção de posições particularmente “dominadas”, os *standpoints* dos dominados de Sandra Harding (1998) ou a posição de outsiders *within*<sup>16</sup> descrita por bell hooks (1984; 1989). Certamente, a situação de dominações

---

<sup>16</sup> As forasteiras de dentro. N.T.

imbricadas não é necessária nem suficiente para o pensamento radical. Em contrapartida, criticar o naturalismo subjacente à heterossexualidade como sistema, ao “*pensamento straight*” analisado por Wittig (2001), aparece claramente como uma das pedras angulares do questionamento do naturalismo e das identidades “essencializadas”, em que uma parte dos movimentos feministas e antirracistas, sempre se arrisca a se perder. Ora, precisamos muito desses movimentos. Nestes tempos de exacerbação do racismo, do sexismo e da exploração em geral, a crítica radical do naturalismo é particularmente necessária. Que as ações e as análises do Coletivo Combahee River possam nos inspirar!

## Referências

- BREINES, Winifred. Learning about racism: white socialist feminism and bread and roses. In: *The trouble between us: an uneasy history of white and black women in the feminist movement*. New York: Oxford University Press, 2006.
- CLARKE, Cheryl. The Failure to Transform: Homophobia in the Black Community. In: SMITH, Barbara. (org.). *Home girls: a black feminist anthology*. New Brunswick, New Jersey & London: Rutgers University Press, p.190-201, 2000.
- DAVIS, Angela. Reflections on the black woman's role in the community of slaves. *Black Scholar*, vol. 3, n. 4, p. 3-15, 1971.
- HARDING, Sandra. *Is science multicultural? Postcolonialism, feminism, and epistemologies*. Bloomington: Indiana University Press, 1998.
- HARRIS, Duchess. All of Who I am in the Same Place: The Combahee River Collective. *Womanist Theory and Research*, vol. 3, n. 1, 1999.
- COLLINS, Patricia Hill. *Black sexual politics. African Americans, gender, and the new racism*. New York & London: Routledge, 2005.
- GUILLAUMIN, Colette. *Sexe, race et pratique du pouvoir: l'idée de Nature*. Paris: Côté-femmes, 1992.
- hooks, bell. *Feminist theory: from margin to center*. Cambridge: South End Press. Classics Series, vol. 5, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Talking back: thinking feminist, thinking black*. Cambridge: South End Press, 1989.
- HULL, Gloria T.; BELL SCOTT, Patricia; SMITH, Barbara (orgs.). *All the women are white, all the blacks are men, but some of us are brave: black women's studies*. New York, Old Westbury: The Feminist Press, 1982.
- LORDE, Audre. *Sister outsider: essays and speeches*. New York: Crossing Press, 1984.

- MATHIEU, Nicole-Claude. Identité sexuelle/sexuée/de sexe? Trois modes de conceptualisation du rapport entre sexe et genre. In: MATHIEU, Nicole-Claude. *L'anatomie politique*. Catégorisations et idéologies du sexe. Paris: Côté-femmes Editions. p. 227-266, 1991.
- MILLET, Kate. *La politique du mâle*. Paris: Stock, 1972.
- RUBIN, Gayle. The traffic in women: Notes on the “political economy” of sex. In: REITER, Rayna R. (org). *Toward an anthropology of women*. New York: Monthly Review Press, 1975.
- SMITH, Barbara (org.). *Home girls: a black feminist anthology*. New York: Kitchen Table/Women of Color Press, 1983.
- SPRINGER, Kimberly. *Living for the Revolution: black feminist organizations, 1968-1980*. Durham & London: Duke University Press, 2005.
- Springer, Kimberly (1999). *Still Lifting, Still Climbing: Contemporary African American Women's Activism*. New York : New York University Press, 1999.
- WALKER, Alice. *In search of our mother's garden*. Harcourt Brace Jovanovich: Publishers. New York, 1983.
- WALLACE, Michèle. *Black macho and the myth of the superwoman*. London: Verso, 1999.
- WITTIG, Monique. *La pensée straight*. Paris: Balland, 2001.
- YUVAL DAVIS, Nira. *Gender and nation*. Londres: Sage Publications, 1997.